ESPAÇO DO POVO

Brasil | Dezembro 2022 | Edição 89 | Ano 15 | Distribuição Gratuita

Os nove que perdemos

Massacre no Baile da DZ7, em Paraisópolis, completa 3 anos

Página 14

EDITORIAL

Um jornal das favelas do Brasil

Por Joildo Santos

Página 2

DIVERSIDADE

"Vale da Quebrada": por mais visibilidade e informação

Por Lolla Veiga

Página 8

GASTRONOMIA

Receita especial de sobremesa para as festas de final de ano

Por Mônica Faria

Página 18

SAÚDE

COVID-19 e gestação: entenda os riscos

Por Jadson Lener

Página 16

MEMÓRIAS DE PARAISÓPOLIS

"Foi aqui que fiz a minha família, conheci pessoas e construí minha vida"

Conheça a história de Sueli Cândido que nasceu e cresceu na segunda maior favela de São Paulo

Página 3

ESPORTE

Pleno século XXI e times femininos continuam desvalorizados no país do futebol

Salários e premiações dos campeonatos são bem abaixo do valor pago para os times masculinos, e nas favelas isso não é diferente

Página 9

CULTURA

Da música erudita ao trap music

Conheça a história do jovem, cria da Zona Oeste de São Paulo, que se descobriu compositor e empreendedor de trap music

Página 13

EDITORIA

Um jornal das favelas do Brasil

Por Joildo Santos

Crédito: Acervo pessoal 2014.

Um grupo de jovens e o desejo de produzir um jornalismo que mostrasse, de fato, os acontecimentos da favela de Paraisópolis. Foi assim, há 15 anos, começamos a escrever a história do Espaço do Povo.

Ele nasceu da necessidade que sentíamos de mostrar a nossa realidade, uma realidade que só quem vive o dia a dia das comunidades conhece e que, em sua maioria, é bem diferente das histórias contadas pela imprensa tradicional. O Espaço do Povo sempre teve em sua essência a vontade de dar visibilidade às pautas importantes para as pessoas que vivem na comunidade. Ele serviu como uma ferramenta de denúncia e reivindicação de situações críticas que aconteciam na segunda maior favela de São Paulo, mas também provocava reflexões sobre as favelas de todo Brasil. Por que, apesar de ser um veículo nascido em Paraisópolis, ao longo dos anos ele tem se transformando em um veículo de comunicação das periferias e favelas de todo o país.

De fato, nascemos do improvável. Formado na área da Tecnologia, resolvi aplicar meus conhecimentos na produção do jornal. Foram dias, meses e anos de muito trabalho, mas tive a oportunidade e a sorte de cruzar com pessoas que acreditaram nesse sonho e que me ajudaram a nunca desistir. O apoio de alguns profissionais da comunicação, foi importante para dar forma ao jornalismo periférico que temos hoje.

Desde o início, priorizamos a notícia, mas usando a publicidade como a ponte para construção de um jornal de território forte e de credibilidade. Não é nenhuma novidade que para se manter um jornal, ainda mais durante 15 anos, é necessário buscar equilibrar a produção editorial e o comercial, e assim fazemos ao longo deste tempo. Mas, nunca desviamos do foco e nos mantivemos firmes no nosso propósito.

Por isso, quem visita nossa redação hoje, pode conferir de perto algumas das principais capas do nosso jornal, emolduradas e decorando a sala. Fizemos reportagens importantes para o desenvolvimento de Paraisópolis e para a construção de políticas públicas. Sendo isentos e sempre que necessário cobrando o poder público, mesmo quando ele demonstrava apoio ao nosso trabalho, e há inúmeros exemplos disso ao longo de nossa história. Sempre fomos e seremos independentes. Nosso único lado é o do povo favelado e periférico.

Neste 15 anos, nós também acompanhamos a migração dos grandes jornais impresso para os meios digitais. E, mesmo seguindo as tendências e novos formatos para o nosso conteúdo, mantivemos nosso jornal impresso ao longo de toda nossa história, dessa forma, mesclando inovações digitais com a distribuição gratuita do jornal físico, que pretendemos seguir e ampliar nossa atuação.

Em 2022, estruturamos nossa equipe, mesclando experiência com inovação, e sempre buscando manter a nossa essência e a defesa intransigente de uma pauta que provoque melhorias nos territórios onde estamos, o Espaço do Povo tem orgulho e semeia o espirito de comunidade.

Para 2023, queremos renovar o nosso propósito de produzir um jornalismo profissional, que além de informar, cria sua própria documentação histórica sobre os territórios que, sim, possuem muitas fragilidades, mas também são cheios de potência. Também queremos nos posicionar como um veículo independente de comunicação de favelas, que conta histórias sobre as principais favelas do país, sempre respeitando a singularidade de cada território, nessa empreitada já contamos com o apoio de anunciantes, agências, lideranças comunitárias, produtores e influenciadores locais, além é claro do G10 Favelas, organização que somos co-fundadores e reproduz os mesmos princípios desse Espaço do Povo.

Sonhamos em levar nosso jornal impresso para várias outras favelas e, quem sabe, impactar as 17 milhões de pessoas que vivem nessas regiões. E você, que já é nosso leitor de Paraisópolis, Capão Redondo, Grajaú, Heliópolis, Baixada dos Jurunas-PA, Rocinha, Complexo da Maré, Jd. Teresópolis-MG, Vitória-ES, Casa Amarela/Recife-PE e de várias outras quebradas do nosso Brasil, seguirá conosco, impulsionando esse sonho a se tornar cada vez mais real.

Boas festas e feliz 2023!

Joildo Santos
Fundador do jornal Espaço do Povo e CEO do Grupo Cria Brasil.

EXPEDIENTE

Espaço do Povo é uma publicação do Grupo Cria Brasil.

CEO Grupo Cria Brasil
Jornalista Responsável
Joildo Santos
joildosantos@paraisopolis.org
MTB 67099 SP

Diretora Cria Brasil
Francisca Rodrigues
francisca.rodrigues@agenciacriabrasil. com.br

Editora-chefe do Jornal Espaço do Povo
Gisele Alexandre
gisele.alexandre@agenciacriabrasil.com.br
MTB 60305 SP

Redação
Aline Almeida
aline.almeida@agenciacriabrasil. com.br

Julia Lima
julia.lima@agenciacriabrasil.com.br

Talytha Cardoso
talytha.cardoso@agenciacriabrasil.com.br

Fotografia
André Silva
Luis Maike
Anderson Jorge

Editoração
Caroline Martins
caroline.martins@agenciacriabrasil.com.br

Publicidade
(11) 977234537
(11) 952117476

Acompanhe nossas redes sociais

Cria Brasil
Instagram: @criabrasilcomunicacao
Facebook: Agência Cria Brasil

Espaço do Povo
Instagram: @espacodopovo
Facebook: Jornal Espaço do Povo
Site: www.espacodopovo.com.br

MEMÓRIAS DE PARAISÓPOLIS

"Foi aqui que fiz a minha família, conheci pessoas e construí minha vida"

Conheça a história de Sueli Cândido que nasceu e cresceu na segunda maior favela de São Paulo

Crédito: Luis Maike/Agência Cria Brasil.

Minha relação com Paraisópolis é desde de criança, mas começou com os pais dos meus avós, que vieram de Minas Gerais e são uns dos primeiros moradores daqui. Eles moravam na região que chama de "Pé Inchado", próximo a Avenida Hebe. Depois da chegada dos meus bisavós, meus avós vieram abrindo caminho para o restante do pessoal e foi aí que meus pais se conheceram. A região era de mata, era tudo uma chácara, e a minha família vivia da plantação de arroz, banana, goiaba e a lembrança mais doce que tenho da época de criança, foi uma gangorra que meu avô fez, para gente ter um espaço de lazer perto de casa.

Eu e meus pais morávamos próximo ao AMA (Assistência Médica Ambulatorial) na antiga rua Amparo, que minha mãe construiu com muito custo. Em nosso quintal tinha muita fruta plantada, até hoje tem o pé jabuticaba que plantei, tinha também limão e pitanga. Havia um banheiro do lado de fora e, para higienizar, enchiámos o balde com a água do poço que tinha no quintal, onde também ficavam meus cachorros. Nessa época não havia energia elétrica, morávamos no barraco, eu tinha em torno de 7 anos foi a melhor fase da minha vida, brincávamos na rua, jogávamos pião, bolinha de gude junto com meus irmãos e eu ajudava minha mãe nas tarefas de pegar água no poço. Nossa casa caiu depois de uma enchente e ficamos sem moradia. Foi uma vizinha que nos ajudou, pois nessa época minha mãe e meu pai já estavam separados e depois de um certo tempo fomos para uma casa pequena de alvenaria. Era meu sonho ter em casa um chuveiro com água quente e quando chegou a luz em Paraisópolis foi tudo de bom.

Antes, nosso banho era de canequinha, precisávamos economizar o gás, e a gente enchia uma lata de tinta daquelas grandes, sabe?! Colocava no fogo à lenha para esquentar, era assim que tomávamos banho quente.

Meu primeiro emprego foi no Mc Donald's, na Av Giovanni Gronchi, lá eles contratavam as pessoas da favela, não havia preconceito, apesar de nós sentirmos vergonha de dizer que morávamos em Paraisópolis e, quando perguntavam, dizíamos que morávamos no Morumbi.

Foi aqui que formei minha família, conheci pessoas e construí minha vida. Para mim, Paraisópolis se resume em uma palavra: casa.

NOTAS

Bolsa de Valores faz doação para campanha de combate à fome do G10 Favelas

No início de dezembro o G10 Favelas, bloco de líderes e empreendedores de impacto social, esteve na B3 - Bolsa de Valores oficial do Brasil, onde realizou a cerimônia de "toque na campanhia", simbolizando a formalização da parceria. O evento teve como objetivo marcar o encontro entre os empreendedores periféricos e o mercado financeiro, além de oficializar uma doação de R$1 milhão por parte da B3 para a campanha de combate à fome liderada pela instituição.

Antes da cerimônia, os participantes do encontro visitaram o Museu da Bolsa do Brasil (MUB3), inaugurado este ano, assistiram a uma palestra sobre educação com foco em empresas e negócios e ainda participaram de um café da manhã de relacionamento.

O evento contou com a presença de Juca Andrade, vice-presidente de produtos e clientes B3 e Gilson Rodrigues, presidente do G10 Favelas, além de convidados.

Crédito: B3 - Bolsa de Valores do Brasil.

Cria Podcast apresenta as manhas da favela

Crédito: Arquivo pessoal.

Ampliar a visão e os debates, trazendo diversidade de ideias e pensamentos em profundidades com pessoas que entendem e sabem o que é ser cria de favela, esse é o objetivo do Cria Podcast, um programa semanal que traz entrevistas como empreendedores, artistas, influenciadores, educadores e pesquisadores que moram em comunidades do Brasil.

O repórter da TV Globo, Thiago Simpatia, foi um dos convidados do podcast e contou sobre a realização dos sonhos: "Você não é do tamanho dos seus sonhos, você é do tamanho da disposição que você vai ter para realizar o seu sonho."

Apresentado pela jornalista Fran Rodrigues, o programa é veiculado toda sexta-feiras no canal do YouTube (Cria Brasil), Spotify (CriaPodcast) e no Instagram (@Podcastcriabrasil).

ALÔ ALÔ FREGUESIA!

VENHAM CONFERIR A FAMOSA VIELA TAUBATÉ APÓS A OFICINA DE GRAFITE, UMA PARCERIA ENTRE CLUBE SOCIAL E G10 FAVELAS.

COMUNICAÇÃO

Por que acreditamos em mentiras?

Por Adriana Teixeira

Nem sempre é fácil fazer a distinção entre mensagens falsas, verdadeiras e enganosas. As técnicas empregadas pelos desinformantes para provocar confusão nas mídias digitais estão cada vez mais sofisticadas. E não apenas do ponto de vista da tecnologia, que incentiva, com algoritmos e robôs, a ocupação das redes com fake news em vários formatos. São as narrativas, e os seus efeitos na nossa percepção sobre a realidade, que mais nos preocupam.

A filósofa alemã de origem judia Hannah Arendt (1906-1975) escreveu, em 1967, que corremos o risco de perder a capacidade de nos orientar no mundo real se a mentira destruir a verdade. O problema, segundo ela, é que a falsidade não se apresenta apenas como o oposto da verdade. A mentira assume infinidade de formas, combinando fatos e invenções. E mira o nosso sistema de crenças – acessível quando estamos online e em interação com as redes. Ideias, posicionamento político, desejos e hábitos são capturados e registrados diariamente. Os rastros deixados no ambiente digital são utilizados para orientar a produção de todos os tipos de narrativas que correspondam às nossas preferências, e para que não haja qualquer movimento de contestação.

As pesquisas indicam que alguns indivíduos, com determinado tipo de conduta, se mostram mais sensíveis à desinformação. Aqueles que buscam encaixar a realidade à sua visão de mundo e fecham os olhos para os fatos, para a experiência da vida real, são os mais fáceis de serem enganados pelas fake news. Este grupo, geralmente, não se mostra disposto ao diálogo e ao questionamento das informações que circulam nas mídias e agem, na maioria das vezes, para impor as suas ideias. Quando indagados sobre suas afirmações, apresentam frágeis argumentos. Com certa dificuldade para fazer a separação entre realidade e ficção, estes indivíduos encontram nas redes os discursos que os satisfazem, sem duvidar, contudo, de que se tratam de uma grande armadilha.

Adriana Teixeira
É jornalista, pesquisadora e doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Desde novembro do ano passado, realiza, em Paraisópolis, pesquisa sobre desinformação na pandemia da covid-19.

COMUNICAÇÃO

Tecnologia para o bem

Por Judith Brito

Crédito: Talytha Cardoso/Agência Cria Brasil.

Em assuntos digitais, sou a "Dona Maria da piada": quando tenho algum problema em meu computador e ligo para a central de apoio de uma das empresas onde trabalho, se o atendente me pedir para abrir uma janela, sou bem capaz de me levantar e... abrir a janela.

Mesmo assim, há décadas convivo rotineiramente no trabalho com milhares de nerds brilhantes, daqueles que nasceram sabendo teclar e se comunicar no complexo dialeto tecnológico. Em tempo: uso a palavra nerd sempre no bom sentido, para designar esses meninos sabidos e competentes, de quem sou fã.

Cada vez mais, estão por cima da carne seca! O mundo profissional valoriza essa moçada, seja pelo que fazem em grandes corporações – digitalizando e acelerando rotinas antes manuais ou processadas em máquinas mastodônticas – seja pelo que criam em startups com valor multiplicado muitas vezes pelo mercado. Fala-se que no Brasil faltam pelo menos 700 mil profissionais de tecnologia da informação, razão pela qual são muito disputados.

Com a prevalência do modelo de trabalho em home-office, amplificada durante a pandemia da Covid, a competição se tornou global: é possível trabalhar a partir de qualquer ponto do país e fornecer serviços para empresas em qualquer lugar do mundo. E recebendo em dólar!

Acredito que investir na formação em tecnologia pode ser uma das formas de reduzir a enorme desigualdade social no Brasil. Por isso, num sábado de junho, experimentei um daqueles momentos que fazem a vida valer a pena: o lançamento, na Favela de Paraisópolis, em São Paulo, do G10Tech - projeto que visa capacitar jovens em condições de vulnerabilidade para se integrarem no mercado de tecnologia.

Minha satisfação foi ainda maior pelo fato de ser esse o coroamento de uma história na qual pude ter uma pequena, mas gratificante, participação. Tudo começou há alguns anos, quando conheci o jovem casal (Igor Couto e Aline Froes) criador do Vai na Web (www.vainaweb.com.br), que promove a capacitação digital de jovens, inicialmente atuando em favelas cariocas (hoje em diversos pontos do país) em linguagens tecnológicas.

Encantei-me com o projeto e com seus incríveis criadores.

Outra história: no começo da pandemia, para viabilizar a ajuda das empresas onde trabalho (incluindo o Grupo UOL/ PagSeguro) a comunidades vulneráveis, através de ONGs, conheci o G10 Favelas, liderada por Gílson Rodrigues, de quem me tornei fã de carteirinha.

Foi só juntar as três pontas: o Grupo UOL/ PagSeguro (que precisa de profissionais qualificados em tecnologia), os líderes do Vai na Web e os do G10 Favelas. Pronto, nasceu um projeto que já é um sucesso. Gestores do PagSeguro PagBank desenvolveram, junto com o Vai na Web, um programa pedagógico sob medida para as suas necessidades. O evento que mencionei antes foi o pontapé inicial do polo tecnológico ao qual certamente se juntarão muitas outras empresas.

São muitos os jovens Brasil afora com criatividade e vontade de trabalhar. Ouvir os depoimentos dos meninos e meninas da turma que inicia o projeto é perceber como aprender tecnologia pode empoderar os profissionais das favelas para atuar no mundo, gerar oportunidades para os menos favorecidos e excluídos, e ajudar a reduzir as desigualdades sociais. No mercado da tecnologia, essa desigualdade se acentua principalmente em se tratando de mulheres e negros. É muito bom ver essa iniciativa crescer e dar frutos!

Judith Brito
É mãe, avó e executiva do Grupo Folha e do Grupo UOL.

Anúncie aqui

Divulgue sua marca, empresa, produto ou serviço.

Anúncie aqui

ESPAÇO DO POVO

Publicidade
(11) 977234537
(11) 952117476

"Vale da Quebrada": por mais visibilidade e informação

Por Lolla Veiga

Crédito: Reprodução internet.

Assim como a tecnologia, a população não para de crescer. Nossa geração, conhecida como Y, tem a comodidade e a opção de ficar em casa tendo conforto e a facilidade para fazer compras na internet. Fazer amigos, pedir comida, namorar e muito mais. Na quebrada não podia ser diferente, nós crescemos junto com grandes iniciativas como o Favela Brasil Xpress, negócio que tem conseguido solucionar os desafios da logística nas comunidades.

Não precisamos sair de casa para nada. Mas, o que fazer quando ainda com toda essa evolução, você não tem essa "opção", mas sim é obrigado a ficar em casa? É o que acontece com a comunidade LGBT periférica, que sem espaços de acolhimento na própria comunidade, acaba sendo obrigado a ficar em casa por não se sentir confortável e seguros em outros ambientes. Não se sentir parte do lugar ainda é um tema a ser discutido, pois cometemos os mesmos erros com a comunidade LGBTQIA+ que a elite paulistana cometeu com a população periférica.

Sem opções na própria quebrada, deixamos de gastar e movimentar o dinheiro na nossa comunidade, indo para lugares fora do nosso território de conforto e gastando muito mais. Falta investimento e sobra mercado, o que obriga pessoas LGBTQIAs a buscar conforto em lugares como a Av. Paulista, que ainda é uma referência muito forte na comunidade.

Falta alguém que converse com a favela, precisamos de representantes da nossa própria comunidade que se comunique com pessoas periféricas, influenciadoras como a MC Trans que já é uma referência na comunidade e fora dela.

A existência e a visibilidade ainda é um tabu na quebrada para a comunidade LGBTQIA+, seja Elu, Homem, Mulher, Não Binare, adultos, jovens, solteiros ou casados. Para refletir sobre essas e outras questões envolvendo essa comunidade, nasce o "Vale da Quebrada", iniciativa que se propõe a divulgar dicas de entretenimento, esportes, atualizações e tudo que envolve essa comunidade e, a partir de agora, também terá uma coluna fixa no jornal impresso e no site do Espaço do Povo. Até breve! Com amor, da quebrada para quebrada.

Lolla Veiga
Lolla Veiga, Paulo Sodré e Laurea Soares são fundadores do projeto "Vale da Quebrada", iniciativa que nasceu em Paraisópolis com intuito de divulgar dicas de entretenimento, esportes, atualizações e tudo que envolve a comunidade LGBTQIA+.

ESPORTE

Pleno século XXI e times femininos continuam desvalorizados no país do futebol

Salários e premiações dos campeonatos são bem abaixo do valor pago para os times masculinos, e nas favelas isso não é diferente

Por Julia Egídio

Cerca de 30 milhões de homens e mulheres praticam o futebol no Brasil, segundo pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas. Mesmo sendo considerado o esporte mais praticado no país, a desigualdade de gênero ainda é muito presente, consequência de uma sociedade construída com práticas machistas e xenofóbicas não apenas no Brasil, mas em todo mundo.

Entre os anos de 1941 e 1979, uma lei brasileira proibiu que mulheres jogassem futebol. A justificativa dada na época, era que o esporte seria violento e masculino para mulheres. Por isso, a prática "legal" do esporte só passou a ser permitida para as mulheres há 43 anos. E essa situação reflete na desvalorização das atletas, profissionais e amadoras, que atuam nessa área.

Mesmo com todos os desafios, as mulheres continuam fazendo história no futebol. A jogadora brasileira, Marta Vieira da Silva, foi eleita a melhor jogadora do mundo por seis vezes pela FIFA (Federação Internacional de Futebol) e bateu recordes entre homens e mulheres.

Crédito: Luis Maike.

Campeonatos de várzea replicam a desigualdade

O futebol feminino também não é valorizado dentro das favelas no Brasil. Em outubro deste ano, a Seleção de Paraisópolis, time de futebol feminino da segunda maior favela de São Paulo, venceu a Taça das Favelas. Porém, mesmo ganhando títulos, a realidade do time fundado há quase 03 anos é difícil.

Para Mônica Melo da Silva, moradora de Paraisópolis, pedagoga e técnica da Seleção Paraisópolis, a diferença entre os times masculinos e femininos é muito grande em relação à remuneração e premiação de campeonatos

Desde criança Mônica convive com o futebol, pois sua família há anos é responsável pelo Palmeirinhas Paraisópolis, time masculino de várzea fundada há quase 50 anos por um grupo de moradores da comunidade. Desde 2018, a pedagoga se dedica exclusivamente aos times de Paraisópolis e faz isso por vocação e por amor.

"Sou feliz em poder ajudar meninas da minha comunidade a se aprimorar naquilo que elas amam e até tirar meninas em vulnerabilidade social da rua", diz Mônica. "As mulheres têm que realizar seus sonhos, tem que ser firme no seu propósito. Se quer jogar bola não tenha vergonha tem que ir atrás dos seus objetivos, porque eu por muitas vezes sofri preconceito por acharem que eu jamais conseguiria ser técnica por ser mulher. Mas eu não desisti e convido todas as mulheres da região para conhecer o Palmeirinhas Paraisópolis e descobrir esse grande amor", completa.

A Seleção de Paraisópolis conta com cerca de 40 jogadoras, todas moradoras da comunidade. Nenhuma delas vivem exclusivamente do futebol, mas todas têm o mesmo sonho: serem jogadoras profissionais.

SLUM SUMMIT 2022

Slum Summit 2022: evento reuniu empreendedores de diversos lugares do Brasil na segunda maior favela de São Paulo

Encontro nacional teve apresentação de iniciativas de grandes empresas e de pequenos empreendedores sociais que promovem a transformação nas comunidades no país.

Crédito: Luis Maike/Agência Cria Brasil.

Por Aline Almeida

Com o tema "Empreender é de Favela", no mês de novembro aconteceu o Slum Summit 2022, considerado o maior evento de empreendedorismo e impacto social da favela, contou com painéis temáticos e a participação de personalidades que promovem transformação social dentro e fora da favela.

Idealizado pelo G10 Favelas, bloco de Líderes e Empreendedores de Impacto Social das comunidades, o evento aconteceu no Pavilhão Social do G10 Favelas, em Paraisópolis, e recebeu convidados de todo o país e abordou assuntos desde empreendedorismo à inclusão financeira.

O primeiro painel teve a participação de Hélio Muniz, da Fundação Casas Bahia, que falou sobre o reconhecimento e a força do empreendedorismo nas comunidades: "Empreender na favela é reconhecer sua força como mercado de trabalho, capacidade produtiva e capacidade econômica, quando a gente perceber essa força, a gente vai destravar um Brasil que não conhecemos", contou.

Tendo como objetivo dar visibilidade aos realizadores das periferias, apresentando para o mercado econômico nacional as oportunidades lucrativas que existem nas comunidades, foi feito o lançamento do G10 Bank, o banco que tem como missão desburocratizar o acesso ao crédito na favela.

"Não existe liberdade democrática sem inclusão financeira, não existe inclusão financeira sem inclusão digital e o G10 Bank vem com essa iniciativa de fazer o Brasil crescer de

SLUM SUMMIT 2022

Crédito: Luis Maike/Agência Cria Brasil.

maneira inclusiva", contou João Bezerra especialista em fintech e parceiro do G10 Bank.

Um dos painéis mais comentados no primeiro dia de evento refletiu sobre a importância da "Comunicação para a Favela", que teve a participação dos jornalistas Pedro Pannunzio da Band, Ana Luiza Prudente do CIVI-CO, Flora Gerola do UOL e Jean Xavier do jornal comunitário Line7 de Minas Gerais.

"Eu acho fascinante a mudança de perspectiva, a mudança sobre a vida por frequentar espaços como esse, o Brasil de verdade está aqui" disse Pedro Pannunzio.

O segundo dia de evento também contou com apresentações de painéis, entre eles: "Colors of Favela", que abordou sobre a transformação promovida pela startup Revitaliza Comunidades e seus parceiros em Paraisópolis, além de refletir sobre a importância da arte e das cores para a autoestima dos moradores. "Quando cheguei aqui e vi essas casas coloridas fiquei encantada, porque sei do poder da arte de transformação", disse Leia Kimura, artista conceitual e programadora.

Outro painel que esteve na programação abordou as "Mulheres de Negócios", que foi estrategicamente planejado para acontecer na mesma data em que se é celebrado o Dia do Empreendedorismo Feminino (19/11), o painel reuniu seis mulheres que se destacam dentro e fora das favelas: Flavia Rodrigues da Associação de Mulheres de Paraisópolis, Cibele Silva da Cisi Cerâmica, Bia Maluf empreendedora, além da dupla Elizandra Cerqueira e Juliana Costa do Mãos de Maria. A apresentação do painel foi feita pela jornalista e apresentadora, Maria Cândida: "Dá para empreender de diversas maneiras, se eu pudesse ficaria aqui a tarde inteira ouvindo as histórias e entrevistando as mulheres", ressalta.

O último painel do Slum Summit 2022 ficou por conta da Cria Brasil Comunicação, agência especializada na linguagem da favela. Mediado pela jornalista e diretora da Cria Brasil, Fran Rodrigues, o painel "Influencers Digitais e seu papel social" reuniu os influenciadores Murilo Duarte conhecido como favelado investidor, Eu Joy comediante de Paraisópolis - SP e Jeday jornalista e roteirista do Complexo da Maré - RJ.

A terceira edição do evento apresentou a favela como protagonista e reforçou que dentro das comunidades também existe mercado e oportunidades de negócios lucrativos.

Crédito: Luis Maike/ Agência Cria Brasil.

CASASBAHIA

COMPRE NA LOJA
RUA ERNEST RENAN, 1032
OU
COMPRE NO APP
Download on the App Store
GET IT ON Google Play

GOL DE PIX
CASASBAHIA

COMPROU
BRASIL GANHOU O PRÓXIMO JOGO
VOCÊ GANHA PIX NA CONTA banQi.
NÃO É SORTEIO

CONDIÇÃO VÁLIDA DURANTE O PERÍODO QUE O BRASIL ESTIVER DISPUTANDO OS JOGOS DA COPA.

CULTURA

Da música erudita ao trap music

Conheça a história do jovem, cria da Zona Oeste de São Paulo, que na pandemia se descobriu compositor e empreendedor de trap music

Por Gisele Alexandre

Com apenas 18 anos, Rocky Queiroz já ostenta uma longa trajetória na área musical. Aos 5 anos começou a cantar no coral de um conservatório musical na região da Vila Gomes, onde mora até hoje. Pouco tempo depois, ingressou em um projeto social, onde aprendeu a tocar instrumentos e aperfeiçoou sua técnica de canto.

"Aos dez anos eu entrei no projeto Guri e isso foi muito importante para mim, porque foi lá que eu realmente aprendi a ler partitura e todos os conceitos da música erudita", conta Rocky.

Inspirado pelo pai, que também é músico e compositor, o artista sentia vontade de escrever suas próprias canções. Mas, por conta da rotina corrida, não conseguia se dedicar a sua arte.

"Antes da pandemia, eu ia da escola pro curso e depois pro trabalho, não tinha tempo para pensar no que eu realmente queria fazer da minha vida. Tava naquele looping vicioso e nunca tinha parado para fazer algo meu", completa.

Apesar de sua relação com a música ter começado muito cedo, Rocky demorou para entender que a sua arte poderia ser também seu trabalho. Foi durante a pandemia que ele resolveu começar a escrever suas letras e gravou seu primeiro single chamado "Intriga", que está disponível no Spotify.

Como a maioria dos jovens músicos da quebrada, Rocky ainda não consegue se sustentar apenas com seus shows, mas ele vive da sua arte, dando aulas particulares de violão, oficio que aprendeu no curso profissionalizando feito na Escola Municipal de Música de São Paulo.

Além de compositor, cantou e professor, o artista também decidiu investir na produção musical. Com seu parceiro André Pereira, montou a AiR Lab, uma produtora com a missão de lançar novos artistas periféricos.

"O que está nos nossos planos é lançar o 'Rocky' como artistas e, ao mesmo tempo, dar visibilidade para outros artistas da quebrada que a gente sabe que tem talento, mas às vezes não tem oportunidade", finaliza.

Para conhecer mais sobre o Rocky, busque @rocky.ofc e @airlabstudio no Instagram.

Crédito: Arquivo pessoal.

Os nove que perdemos: massacre no Baile da DZ7, em Paraisópolis, completa 3 anos

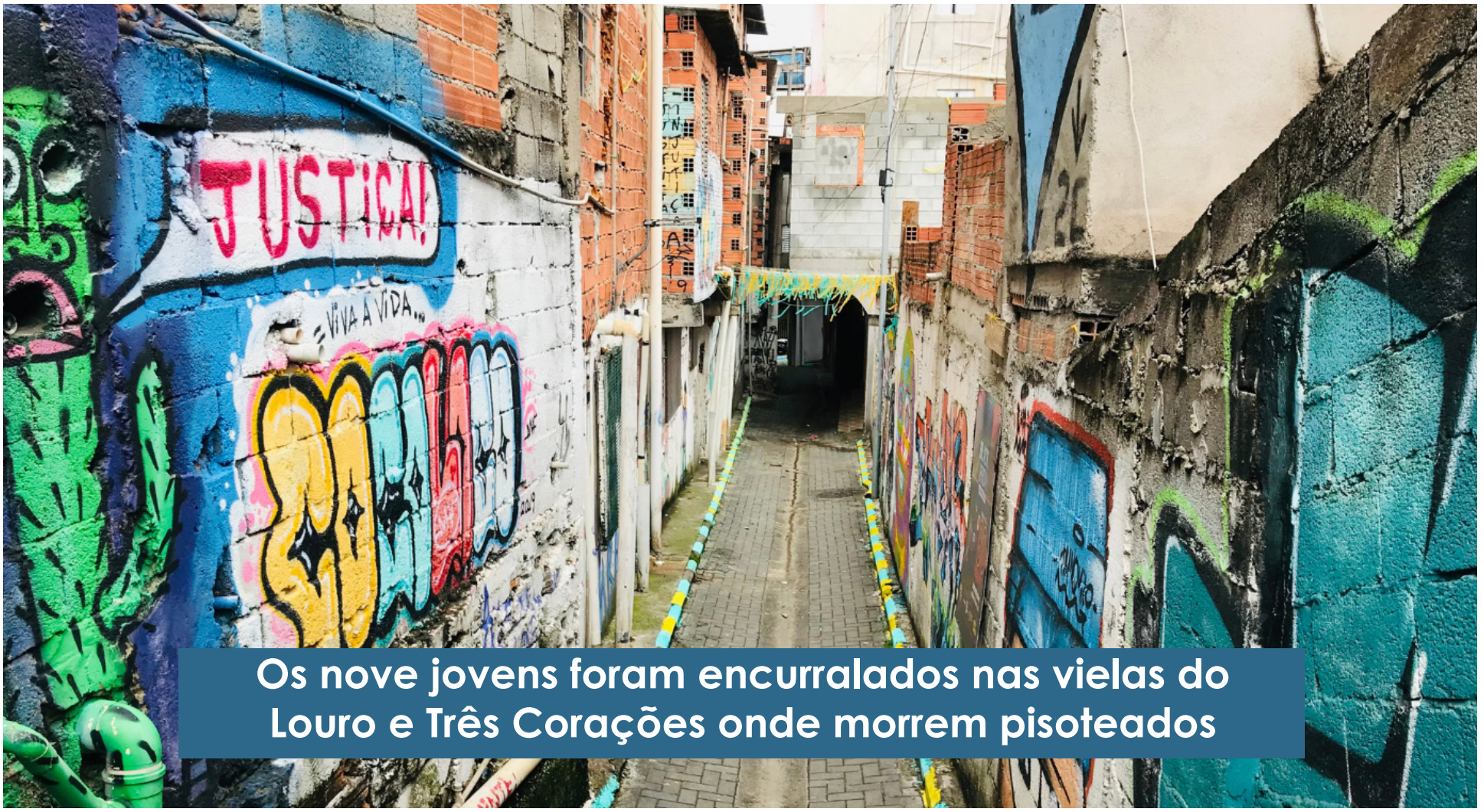
Dos 31 agentes envolvidos na ação policial que causou a morte dos jovens, 13 respondem judicialmente, mas seguem em liberdade

Por Gisele Alexandre

Há três anos, nove jovens saíram de casa em busca de diversão, mas não retornaram. Gustavo Cruz Xavier (14), Marcos Paulo Oliveira dos Santos (16), Dennys Guilherme dos Santos Franco (16), Denys Henrique Quirino da Silva (16), Luara Victória Oliveira (18), Gabriel Rogério de Moraes (20), Eduardo da Silva (21), Bruno Gabriel dos Santos (22) e Mateus dos Santos Costa (23) foram mortos em um dos mais conhecidos bailes funks da capital paulista.

Em 1º de dezembro de 2019, madrugada de domingo, o famoso Baile da DZ7, realizado em Paraisópolis, reunia milhares de jovens em busca de diversão na segunda maior favela de São Paulo. O evento, que acontece desde o início de 2000, é um importante ponto de encontro para os jovens periféricos e favelados da cidade, como conta o produtor de conteúdo sobre funk, educação e política para jovens periféricos, Mateus Fernandes.

"O baile que acontece em Paraisópolis é um dos maiores bailes de rua do estado de São Paulo, e pode ser considerado um patrimônio cultural, para que um jovem preto favelado tenha o direito de se divertir próximo a sua casa", disse Mateus. "O Baile da DZ7 é cultural, ancestral e a gente espera muito que para as próximas gestões, a gente tenha a segurança de curtir e voltar vivo pra casa", finaliza Mateus.



Os nove jovens foram encurralados nas vielas do Louro e Três Corações onde morrem pisoteados

Crédito: Gisele Alexandre/Agência Cria Brasil.

* O relatório "O Massacre no Baile da DZ7, Paraisópolis. Relatório 1: Chacina Policial, Institucionalização do Caso e a Dinâmica dos Fatos Segundos as Evidências" foi realizado pela Centro de Antropologia e Arqueologia Forense (CAAF) da Unifesp; Núcleo Especializado de Cidadania e Direitos Humanos (NECDH) da Defensoria Pública do Estado de São Paulo; Movimento de Familiares das Vítimas do Massacre em Paraisópolis."

Investigação

De acordo com o relatório "O Massacre no Baile da DZ7, Paraisópolis. Relatório 1: Chacina Policial, Institucionalização do Caso e a Dinâmica dos Fatos Segundos as Evidências"*, a comunidade estava sob vigência de dois operativos da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP): uma Operação Saturação e uma Operação Pancadão. A primeira havia intensificado o policiamento ostensivo no território, deslocando agentes de outros batalhões para a região com o objetivo de combater o crime e o tráfico de drogas. A segunda operação era realizada pelo efetivo do 16° Batalhão da Polícia Militar (BPM), com intuito de inibir a formação do baile.

Durante o evento, a polícia recebeu um chamado sobre uma ocorrência nas proximidades do baile, que foi atendido por agentes que faziam parte do patrulhamento rotineiro da área e por outros que participavam da Operação Pancadão. A informação é de que 31 policiais militares em 16 veículos oficiais participaram da ação, que causou pânico e muita correria entre os jovens que estavam no baile.

Nove jovens foram pisoteados em uma viela de Paraisópolis, uma das vítimas foi levada à Unidade de Pronto Atendimento (UPA) do Campo Limpo e as demais deram entrada no Hospital Municipal Dr. Fernando Mauro Pires da Rocha - Campo Limpo. Todos os jovens chegaram mortos.

Em julho de 2021, o Ministério Público de São Paulo ofereceu denúncia ao Tribunal do Júri da Capital de 13 policiais militares. Destes, 12 foram denunciados por homicídio com dolo eventual (quando se assume o risco de matar), e um agente foi indicado como réu por expor pessoas a perigo ao soltar explosivos nelas. Todos os policiais envolvidos foram afastados das ruas, mas continuam em liberdade.

A primeira audiência do caso está marcada para 25/07/2023 no Fórum Criminal da Barra Funda, na capital paulista.

Crédito: Muller Silva.

Famílias seguem em busca de resposta

Nesse momento, o processo entra na fase de instrução, ou seja, quando serão ouvidas as vítimas sobreviventes, testemunhas, acusados, além de reunidas provas para que o juiz decida se os policiais devem ou não serem submetidos a um júri popular.

"Nenhum dos denunciados está preso. Nenhum! Isso é mais uma revolta, uma tortura pra nós, porque desde 2019 só vemos injustiças sendo cometida com a gente. Aconteceu com os nossos filhos e agora acontece com a gente", disse Maria Cristina Quirino, mãe de Denys Henrique Quirino da Silva, uma das vítimas do massacre.

De acordo com informações da Defensoria Pública, o Estado reconheceu que houve falhas do poder público na ação que matou os nove jovens. Em setembro deste ano, oito das nove famílias aceitaram o acordo de indenização, mas os valores foram colocados sob sigilo. O acordo não interfere no processo criminal.

"Quero deixar muito claro que esse acordo proposto pelo Estado é uma humilhação. Foi uma maneira de tentar calar a nossa boca, porque teve muitas arbitrariedades, só de ter um termo de sigilo que a gente não pode falar sobre já dá pra perceber", completa Maria Cristina. Em 1° de dezembro deste ano, quando o massacre completou três anos, os movimentos sociais de Direitos Humanos organizaram um ato na Praça da Sé, no centro da capital paulista, nomeado como "Os nove que perdemos", para cobrar respostas das autoridades policiais. O evento contou com a presença de ativistas e familiares das vítimas, apresentação musical da Ana Laura (Emancipa), além de uma missa realizada pelo padre Júlio Lancellotti na Catedral da Sé. Outras manifestações foram realizadas pela cidade.

COVID-19 e gestação: entenda os riscos

Por Jadson Lener

Crédito: Getty Images.

Desde o surgimento do COVID-19, no final de 2019, o vírus e a resposta a ele tiveram efeitos catastróficos na saúde, nas sociedades e nas economias ao redor do mundo, e uma das populações mais afetadas foi a das gestantes, com consequências ainda piores. O medo e desconhecimento de como a doença se desenvolveria trouxeram muita apreensão.

Sabemos que é na gestação e no puerpério que ocorrem as maiores alterações no corpo da mulher. Para uma gestação bem sucedida são necessárias mudanças no sistema imunológico, cardíaco, pulmonar e muitos outros. A gestação já é por natureza uma fase da vida na qual a mulher fica propensa a desenvolver uma série de doenças que podem surgir por diversos fatores de risco, principalmente se essa mulher não realiza um acompanhamento de pré-natal adequado.

Muitas descobertas vieram através de pesquisas científicas, desde os primeiros casos de COVID-19, e na gestação os estudos têm se demonstrado que o simples fato de estar grávida aumenta o risco da mulher ter uma forma grave da doença, e também que as gestantes negras, com idade avançada (≥35 anos) e com sobrepeso (IMC > 25) ou obesidade (IMC > 30) foram os fatores de risco para hospitalização entre gestantes, além disso, foi identificado que gestantes com doenças como comorbidades preexistentes definidas como asma, DPOC, hipertensão crônica ou diabetes mellitus pré-gestacional estavam associados com doença de COVID-19 mais grave durante a gravidez.

O que descobrimos também é que o coronavírus raramente atravessa a placenta, isso se deve ao que chamamos de "barreira placentária", mas foram observados efeitos adversos da doença materna no feto e no recém-nascido após a COVID-19, por isso, é preciso ainda que as gestantes adotem medidas de proteção como isolamento social, uso de máscaras e vacinas.

Com o advento das vacinas, das regras de isolamento social e uso de máscaras, muitas gestantes puderam ir retomando gradativamente o hábito de comparecer nas consultas e de realizar os exames de rotina de pré-natal. Os estudos comprovaram que as vacinas SARS-CoV-2, durante a gravidez, são eficazes na prevenção da COVID-19 e suas complicações, além de serem seguras tanto para a mãe quanto para o feto. Anticorpos para SARS-CoV-2 foram encontrados no sangue do cordão umbilical e no leite materno após a vacinação durante a gravidez, sugerindo proteção do bebê após a vacinação materna.

Jadson Lener
Ginecologista obstetra especialista em ginecologia endócrina, patologia genital e ginecologia regenerativa.

BEM ESTAR

Quantas coisas você faz motivada pela culpa?

Crédito: Freepik.

Por Débora Pereira

Uma pessoa que se sente culpada acredita que precisa dar satisfação de todas as suas escolhas e antes de tomar qualquer decisão, avalia o que os outros irão pensar. A culpa manipula a mulher, fazendo abrir mão de seus objetivos, comprar o que não precisa, doar o que não tem. Espera-se que ela deixe de lado seus objetivos quando se casa, tem filhos, ou quando algum familiar adoece. Quem nunca ouviu falar da história em que a mulher abre mão de tudo, para que o marido tenha condições de se dedicar exclusivamente à carreira?

Ou da mulher que largou tudo porque teve um filho portador de deficiência? Ou então, a mulher que teve que mudar todo o curso da sua vida e de seus sonhos individuais, porque os pais envelheceram, ou adoeceram? Nesta lógica o que temos é: a mulher se sacrifica primeiro. E todo mundo sabe que ela não terá coragem de dizer não para essas imposições, porque se sentirá culpada. Caso ela diga não, ou busque alternativas para não se anular, irão acusá-la de ser sem coração, irresponsável e egoísta. A mulher culpada não gasta dinheiro só com ela, não come sem que todos já tenham comido, não descansa sem que todos estejam confortáveis antes. Não é por acaso que as mulheres sejam as que mais sofrem com a carga mental no ambiente doméstico ou de trabalho, e as que mais tenham tendência de vir a adoecer mentalmente e, quando isso acontece, ela se culpa por não aguentar mais.

Estou abordando este tema da culpa, para que você, mulher, tenha a oportunidade de refletir e perceber que é o seu direito, como indivíduo, se dedicar a si mesma, sem medo, sem culpa.

Débora Pereira
Psicóloga, psicoterapeuta, palestrante e desde 2021 atua como analista de RH no Emprega Comunidades de Paraisópolis.

Então é Natal...

Por Mônica Faria

Época das luzes, de decorar as casas, de dar presentes... Época que nos endividamos para mostrar o que não somos e o que não temos. Tudo porque esquecemos o verdadeiro espírito do Natal, aquele composto por alguns sentimentos como o amor, união, generosidade, solidariedade, humildade, entre outros.

Será que esse espírito natalino melhora nossa vida de alguma forma?

Sim! Não só emocionalmente, mas fisicamente também, e há uma explicação científica. Todos esses sentimentos liberam hormônios neurotransmissores, que estão ligados com bem-estar, saúde mental e felicidade conhecidos como o "Quarteto da Felicidade", são eles: serotonina, oxitocina, endorfina e dopamina.

Surpreendentemente, todos eles podem ser liberados no Natal. Não apenas pelos bons sentimentos, mas porque também são liberados quando comemos um doce bem gostoso, damos gargalhadas, nas práticas esportivas, quando planejamos o futuro ou relembramos bons momentos, quando somos gratos ou quando fazemos amor. E foi pensando na liberação desses hormônios, para deixar você e sua família felizes, é que deixo aqui uma dica deliciosa de duas sobremesas, que servem para o ano todo.

Romeu e Julieta de Black Tie ou Suflê de Goiabada

Ingredientes:
6 claras
1 tablete de goiabada (pode ser que vem na cesta básica).
1 copo de requeijão
1 caixinha de creme de leite
50 ml de leite (se precisar)

Modo de fazer: Corte a goiabada grosseiramente em pedaços pequenos, coloque em uma panela, cubra com água e leve ao fogo baixo, mexendo sempre até derreter e ficar em consistência pastosa. Tire da panela de deixe esfriar na geladeira. No liquidificador, bata o requeijão com o creme de leite e o leite até ficar uma calda grossa. Coloque em um recipiente e leve a geladeira até a hora de servir. Separe as claras das gemas colocando-as no bowl (tigela) da batedeira, certifique-se que não ficou nenhuma gordura ou água no recipiente, isso faz com que que as claras cresçam. Bata as claras em ponto de neve bem firme. Com o auxílio de uma colher, coloque 3 ou 4 colheres da goiabada e mexa delicadamente, pois as claras precisam ficar aerada até que a mistura fique toda colorida. Unte um pirex ou ramequins com margarina, e coloque as claras coloridas. Lembre-se que elas não podem ultrapassar metade da altura da forma escolhida, pois ela vai crescer bastante. Leve ao forno pré-aquecido a 180° por mais ou menos 10 minutos. Ela estará pronta quando estiver douradinha em cima. Sirva quente com a calda de queijo gelada! É certeza de sucesso!

Mônica Faria (Instagram: @monicafariabr)
Bailarina, produtora de eventos e chefe de cozinha. Atua em Paraisópolis há 11 anos desenvolvendo diversas atividades voltadas à gastronomia "Também é apresentadora do programa Comida de Favela na Tv +FavelaTv"

Lugar de favela também é no museu

Crédito: Divulgação Museu.

Com o objetivo de evidenciar as potências que existem nas comunidades em todo o país, foi inaugurado no final de novembro o Museu das Favelas, iniciativa da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo. A proposta é provocar reflexões, diálogos em um espaço que aproxima pessoas das favelas sob um olhar de força, potência, capacidade e representatividade.

Localizado no Palácio de Campos Elíseos, região central de São Paulo, o Museu conta com espaços para exposições multimídia e temporárias, além do Centro de Referência (biblioteca digital, auditório, pesquisas, estudos e conferências) e do Centro de Empreendedorismo (coworking, formação e capacitação, aceleração de startups), também são realizados eventos, e os visitantes podem visitar no local um café e uma loja, tudo isso alocado em um área de 8.208 m².

Serviço:

Museu das Favelas
Endereço: Avenida Rio Branco, 1269, centro, São Paulo (Palácio de Campos Elíseos)
Horário de funcionamento: terça a domingo, das 9h às 18h.
Entrada gratuita, sem necessidade de agendamento.

História do grupo Racionais MC's vira filme da Netflix

Já está disponível na Netflix o documentário "Racionais: Das Ruas de São Paulo pro Mundo", que conta a trajetória do grupo de rap mais influente do Brasil, formado por Mano Brown, KL Jay, Ice Blue e Edi Rock.

O longa traz cenas inéditas dos mais de 30 anos de carreira do grupo, desde a origem na periferia da capital paulista, chegando aos shows gigantescos realizados por diversos lugares do mundo. Durante o filme, o quarteto conta histórias nunca antes contadas e fala sobre a importância da luta contra o sistema que oprime os pretos e pobres, além de reforçar o papel do rap nacional na vida de muitas moradores de favelas e periferias do Brasil.

Crédito: Divulgação Netflix.

Em novembro, a Nestlé Brasil iniciou o programa “Nestlé Futuros Baristas”, com intuito de transformar alunos do SENAC, em profissionais especializados em Cafés.
O programa contou com seus parceiros: Escola Senac, G10 Favelas, Mãos de Maria e Associação das Mulheres de Paraisópolis.
Essa foi a Primeira Turma, de muitas que virão!!!

Nestlé | Futuros Baristas

Uma parceria

G10+ Favelas Empreender é de favela

mãos de maria BRASIL

amp ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES DE PARAISÓPOLIS